



## MASCULINIDADES CLANDESTINAS: A TRANSMASCULINIDADE

Shay Lenís de Los Santos Rodriguez<sup>1</sup>

### Masculinidade hegemônica

Sabemos que existe uma masculinidade superior das demais outras masculinidades. Uma masculinidade que foi construída pelo patriarcado e permanece bem forte e influente na nossa sociedade super capitalista. Carrega consigo o androcêntrismo, em que tudo ao redor gira em torno do homem, as categorias e experiências masculinas tidas como universais para todas as pessoas. Estou falando do ser homem cis, branco, heterossexual e supermacho alfa pica das galáxias. Tudo que foge de uma dessas categorias são subordinadas à masculinidade hegemônica. Os homens gays, negros, trans<sup>2</sup>, são, por exemplo, menos homens que do o homem cis<sup>3</sup>, branco e heterossexual. Existem várias masculinidades, diversas formas de ser masculino, mas a nossa sociedade insiste em nos colocar nas caixinhas, ou você é masculino ou feminina, ou é homem ou é mulher.


Porque o homem cis é mais homem que o homem trans? Quando digo que sou homem trans, as pessoas sempre querem saber sobre se eu quero ter um pênis. Fico me perguntando se seria o pênis a representação do homem? O meu sexo é dito como feminino, e isso me

<sup>1</sup> Acadêmico do quarto ano do curso de Bacharelado em Arqueologia da FURG - Universidade Federal do Rio Grande. Contato: sharonrodriguezz@gmail.com

<sup>2</sup> TRANS (também usado com a grafia trans\*) – o prefixo trans é usado como designativo de qualquer pessoa transgênera, seja ela transexual, andrógina, travesti, crossdresser, dragqueen, etc. Opõe-se a cis, que é a forma abreviada de cisgênero. Fonte: [www.leticialanz.blogspot.com.br](http://www.leticialanz.blogspot.com.br)

<sup>3</sup> CISGÊNERO (do grego cis = em conformidade com; conforme + gênero) – a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital (macho ou fêmea). Indivíduos cisgêneros estão de acordo, e normalmente se sentem confortáveis, com os códigos de conduta (incluindo vestuário) e papéis sociais atribuídos ao gênero a que pertencem, ao contrário de indivíduos transgêneros que, de muitas e variadas formas, se sentem desajustados em relação aos rótulos de gênero que originalmente receberam ao nascer. Nota 1: cisgênero não é identidade, mas a condição sociopolítico-cultural da pessoa que vive em plena conformidade com a classificação de gênero – homem ou mulher – recebida ao nascer em razão da sua genitália de macho ou de fêmea. Nota 2: só pelo fato de estarem bem adaptados aos gêneros que receberam ao nascer, não significa que indivíduos cisgêneros tenham, automaticamente, orientação heterossexual como acreditaria o senso-comum. Eles podem ter diferentes tipos de orientação sexual: hétero, bi, assexual e homossexual, a mesma coisa acontecendo no campo transgênero. A crença generalizada é de que toda pessoa cisgênera é necessariamente heterossexual, da mesma forma que toda pessoa transgênera é vista necessariamente como homossexual, o que não é verdade. Fonte: [www.leticialanz.blogspot.com.br](http://www.leticialanz.blogspot.com.br)





difere dos outros homens? Eu tenho uma vagina e ela não me faz ser menos homem. Na minha concepção não existe apenas uma masculinidade, mas várias, de diversos gestos e performances<sup>4</sup>.

Tendo em vista que na sociedade em que vivemos para ser reconhecido como um homem, deve-se ter um pênis, ter barba, cortar o cabelo, ter voz grossa, sentar de perna aberta, logo nada mais sensato do que homens trans, também sejam influenciados a seguir esse sistema.

Segundo Connell (2016) homens e meninos são de maneiras significativas, os que controlam o acesso da igualdade de gêneros. “Uma pergunta estratégica é: eles estão dispostos a abrir as portas?” (Connell, 2016, p. 91). Para Connell (2016) as masculinidades são padrões socialmente construídos de práticas de gênero. E esses padrões são criados por intermédio de um processo histórico com dimensões globais (p.94).


No cotidiano se encontram ferramentas que reforçam as ordens binárias de gênero, como por exemplo, livros sobre como criar meninos (Connell, 2016). E estes livros propagam discursos com base em perspectivas estereotipadas de masculinidade. Connell questiona bastante as perspectivas essencialistas e estereotipadas da masculinidade. Pois nem todo homem é agressivo, machista, pratica estupro, ou tem um pênis. Muitos homens são seguem o sistema machista, pois são preparados para serem assim, são fatores que obrigam, como pais, escolas, as mídias etc.

O sistema popular trata a heterossexualidade como algo natural, mas na verdade somos ensinados a sermos heterossexuais. E a heterossexualidade é dita como importante na construção da masculinidade. Mas existe uma variedade de masculinidades, o significado de masculino pode variar de regiões, países ou continentes. “Joaquim Kersten (1993) descreve uma subcultura no Japão em que o estilo masculino beira o travestismo. A emergência de um

---

<sup>4</sup> PERFORMATIVIDADE (inglês: performativity) – trata-se de uma performance de gênero “não deliberada” pela pessoa, mas que lhe foi socialmente imposta, através de discursos sociopolíticos normalizadores de gênero. Enquanto a performance é sempre, de alguma forma, resultante da vontade deliberada do ator em representar um papel, na performatividade o ator não tem outra escolha senão representar os papéis sociais que lhe foram impostos em razão do seu sexo biológico. Performatividade traduz, assim, a ideia de que gênero somente existe e sobrevive graças ao esforço contínuo e reiterado das pessoas para se enquadrarem e reproduzirem o respectivo discurso de gênero associado ao seu sexo biológico. O conceito de performatividade sugere a total impossibilidade da existência de um “sujeito generificado” anterior às normas sociais de identidade de gênero. O conceito de gênero como fato social essencialmente performático desempenha papel central na Teoria Queer, em que uma das colocações mais fundamentais é que identidade de gênero não é algo fixo e muito menos natural em cada pessoa, mas móvel e fluido. Esse é um dos pilares conceituais do trabalho de Judith Butler, que afirma não existir nenhuma materialidade do sujeito fora das normas de enquadramento a que ele é submetido. Homem e mulher não são seres materiais, mas seres que incorporam o discurso social que permanentemente reifica homem e mulher: o discurso da masculinidade e o discurso da feminilidade. Simone de Beauvoir já tinha afirmado isso no segundo volume da sua obra O Segundo Sexo, ao dizer “ninguém nasce mulher: aprende a ser”. Fonte: [www.leticialanz.blogspot.com.br](http://www.leticialanz.blogspot.com.br)





estilo queer<sup>5</sup> na vida urbana a nas casas noturnas de shows também quebra com as oposições rígidas de gênero” (Connell, 2016, p. 152).

Quando se diz “menino/menina”, não se está descrevendo uma situação, mas produzindo masculinidades e feminilidades condicionadas ao órgão genital” (Bento, 2011, p.551). Segundo Bento (2011) através das performances de gêneros inteligíveis, que mulher tem vagina e possui feminilidade e homem tem pênis e possui masculinidade, a sociedade controla as possíveis sexualidades desviantes.

### **Onde está o pênis destes homens?**

Segundo o Dr., Bayard Fischer (2001) sem o pênis o homem nunca é completo. O homem é o seu pênis e o seu maior orgulho seria o tamanho do seu pênis. Para Paley (2001) os homens sempre tiveram orgulho de seus pênis. “No neolítico quando homens descobriram qual era o seu papel na concepção, até o cristianismo se espalhar na Europa, quase todas as culturas tinham deuses com pênis notórios e imensos” (Paley, 2001, p. 51). Um exemplo de veneração ao falo se deu através dxs gregxs, e tinham até alguns deuses do pênis, como: Priapo, Dionisio e Hermes - é uma palavra grega que se denomina pênis- Paley (2001).

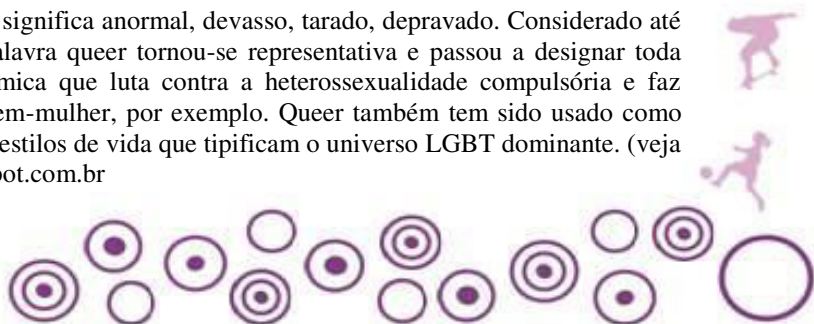
Como menciona em sua obra “O Livro do Pênis”, Cohen (1999) diz que o falo era o genuíno símbolo da vida e o motivo central das artes de decoração gregas. Paley (2001) diz que o pênis de um homem é a prova visível de sua virilidade. O pênis é um símbolo de poder, mas não os flácidos, e sim os eretos. “Ninguém constrói um prédio importante ou um foguete com a forma de um pênis pequeno e flácido” (Paley, 2001, p, 25).


No livro proibido do sexo de Marcia Kedouk, a média do tamanho do pênis do homem cis brasileiro é de 14,5cm. No Brasil a Sociedade Brasileira de Urologia considera que o tamanho fica entre 12 e 14 centímetros e examinou a relação do tamanho do pênis com o dos pés, do dedo indicador, dos testículos e com o peso corporal e a idade, mas não encontrou nenhum resultado consistente (Kedouk, 2015).

Furlani (2007) pensa que o problema está nas informações socioculturais que reforçam as ideias do mito do tamanho do pênis e que deixam rapazes e homens neuróticos, num processo infundável de comparação, insegurança e ansiedade. Ela tem certeza de que dentro deste mito “pode ser incorporada desde muito cedo e se intensificar na adolescência, quando,

---

<sup>5</sup> QUEER – palavra em inglês que originalmente significa anormal, devasso, tarado, depravado. Considerado até recentemente como ofensiva e difamatória, a palavra queer tornou-se representativa e passou a designar toda uma corrente de pensamento e pesquisa acadêmica que luta contra a heterossexualidade compulsória e faz oposição sistemática aos binarismos fáceis homem-mulher, por exemplo. Queer também tem sido usado como um rótulo para identificar discursos, ideologias e estilos de vida que tipificam o universo LGBT dominante. (veja bicha, transviado). Fonte: [www.leticialanz.blogspot.com.br](http://www.leticialanz.blogspot.com.br)





ao buscar de forma compulsiva a comparação de seu pênis com o dos outros colegas, o jovem estabelece desleais e discriminatórias relações comparativas com a força física, a potência sexual, a virilidade, e “ser masculino” (Furlani, 2007 p. 53).

### **Considerações finais: as masculinidades transgressoras**

O Brasil é o país que mais procura por conteúdo pornográfico trans e também é o que mais mata pessoas trans e travestis no mundo, segundo reportagens de sites da internet que vêm noticiando desde 2016. As notícias do dia a dia retratam que ainda há muito que ser feito para reverter à situação horrível que as pessoas trans sofrem no seu cotidiano. Penso que a ausência de discussão sobre o assunto e tais temas, como: gênero, sexo e sexualidade, podem gerar consequências negativas, e com a possibilidade de poder ter acesso às informações, acesso à educação, ter local de fala e de ouvido, divulgação, ações de luta, podemos obter consequências positivas. Pois a educação é um processo.

No nosso cotidiano nos deparamos com infinitos signos e rituais de masculinidades que são na sua maioria agressivos e gritantes aos nossos ouvidos. Para homens transmasculinos a única saída para serem vistos como homens de “verdade” é seguindo esses signos, que muitas vezes somos obrigados por perspectivas essencialistas de masculinidade hegemônica.

Para vivermos em sociedade, temos que seguir regras, leis, comportamentos, comprar, pois no nosso sistema capitalista, quem não compra não é gente. Temos que usar sexo e gênero como se fossem roupas.

### **Referências**

- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 336 maio-agosto/2011.
- COHEN, Joseph. **O Livro do Pênis**. Primeira edição. Nova York, 1999.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. Editora Nversos, 2016.
- FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KEDOUK, Marcia. **O livro proibido do sexo**: o amor, o prazer e a sacanagem. Editora Abril. São Paulo: Abril, 2015.
- LANZ, Leticia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. 2ª edição. Curitiba: Movimento Transgente, 2017. 456p.





PALEY, Maggie. **O livro do pênis**. São Paulo. Conrad Editora do Brasil, 2001.

SANTOS, Bayard Fischer. **A medida do homem: tudo o que você precisa saber para ter o pênis maior (ou menor)**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1999.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

